Terceira Parte - Espaços e paisagens urbanas: Gênese, intervenções e representações

Cláudia Damasceno Fonseca

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FONSECA, C.D. Espaços e paisagens urbanas: Gênese, intervenções e representações. In: *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas* [online]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Humanitas series, pp. 427-429. ISBN: 978-85-423-0307-0.

<https://doi.org/10.7476/9788542303070.0014>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

TERCEIRA PARTE

ESPAÇOS E PAISAGENS URBANAS
GÊNESE, INTERVENÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Saiu Sua Excelência a ver a vila, que podendo ser a mais bem tratada, digo, plantada das Minas, é das piores, por ter quase todas as casas de palha, e umas muito separadas das outras, e juntamente pelas lavras de ouro, que ficam tão perto delas, que hoje se fazem, amanhã se botam em terra para trabalhar, o que causa toda a irregularidade, e não sucederia isto se aqueles moradores as fabricassem em um plano, onde está situada a Igreja, adonde não há ouro (...).

(Diário da jornada, que fez o Exmo. Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a Cidade de São Paulo, e desta até as Minas, ano de 1717.)

Ao longo dos capítulos precedentes, interessamo-nos, sobretudo, pelas dimensões políticas e territoriais do fenômeno urbano. Dentro destas abordagens, as vilas e os arraiais de Minas Gerais foram tratados como elementos quase imateriais: como centros do poder civil e religioso, ou bases de comando das zonas rurais circunvizinhas.

Convém, agora, que se leve em conta o fato de que “uma cidade é feita de pedra e cal”¹ – e, no caso das Minas, principalmente de madeira e barro –, a fim de focalizar nossa atenção nos aspectos físicos e concretos dos núcleos de povoamento. Para isto, será necessário mudar tanto a distância focal quanto o objeto de estudo. Ao invés de abranger os vastos territórios de jurisdição das câmaras – os termos –, nosso campo de visão se limitará, na maior parte, ao espaço mais restrito do rossio. Trata-se, como veremos, de um terreno administrado pela municipalidade, que inclui não somente a porção mais densa e urbanizada das vilas, mas também seus bairros e arrabaldes menos povoados, além de terras incultas.

Ao mudarmos de escala de observação, emergem novas questões e temáticas. Após termos focalizado a distribuição das sedes de circunscrições e as rivalidades urbanas, passaremos ao estudo da gênese e do desenvolvimento dos espaços urbanos. Trata-se, portanto, de analisar a dimensão local dos fenômenos que foram anteriormente abordados numa escala regional: a concentração das populações nos arraiais, o processo de estabilização e desenvolvimento destas povoações.

De que maneira os acampamentos de mineradores puderam se perenizar? Quais foram as condições econômicas, sociais e políticas que permitiram a formação de arraiais nas zonas agrícolas, onde a população era muito mais dispersa que nas áreas auríferas?

É pelo viés da análise da propriedade fundiária que buscaremos respostas a estas questões, pois as modalidades de acesso e de exploração econômica da terra determinam fortemente a densidade de um *habitat*. A constituição do parcelamento urbano é também uma questão essencial, uma vez que a estrutura da propriedade condiciona as possibilidades das câmaras para intervir em diversas questões urbanísticas, como a organização e utilização dos espaços públicos, ou a implantação de equipamentos e serviços urbanos. Estudaremos, assim, as relações entre os poderes políticos e financeiros e os diversos elementos que compõem as paisagens urbanas: o sítio, o parcelamento do solo, o traçado das ruas, as casas, os edifícios institucionais e os equipamentos.

Diversos documentos anteriormente explorados fornecem dados sobre os processos de constituição destes elementos materiais, bem como sobre a percepção que deles tinham diferentes observadores – alguns tendo sido diretamente implicados no destino destas povoações. A análise da evolução das representações dos espaços e das paisagens urbanas mineiras que propomos apoia-se, sobretudo, nas “memórias” de eruditos locais e de funcionários régios e, evidentemente, nos relatos dos viajantes estrangeiros do século XIX.

As notas a seguir correspondem a Terceira Parte, originalmente reunidas ao final desse livro.

pp. 655

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

TERCEIRA PARTE
ESPAÇOS E PAISAGENS URBANAS
GÊNESE, INTERVENÇÕES E REPRESENTAÇÕES

- ¹ LEPETIT. *Les villes dans la France moderne (1740-1840)*, p. 15.

CAPÍTULO 9

A ESTRUTURA FUNDIÁRIA E A GÊNESE
DOS ESPAÇOS URBANOS

- ¹ LIMA JÚNIOR. *A capitania de Minas Gerais*; FRANCO. *Desenvolvimento da civilização material do Brasil apud ZEMELLA. O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 163.
- ² ZEMELLA. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*, p. 162.
- ³ VASCONCELLOS. *Vila Rica*; VASCONCELLOS. Formação urbana do arraial do Tejuco.
- ⁴ VASCONCELLOS. Formação das povoações de Minas Gerais.
- ⁵ MARX. Arraiais mineiros, p. 389-393.
- ⁶ ABREU. A apropriação do território no Brasil colonial, p. 197-245; FRIDMAN. *Donos do Rio em nome do rei*.
- ⁷ MARX. *Cidade no Brasil*. Destaquemos que esse autor também foi o primeiro a explorar as leis eclesiásticas – as “Constituições primeiras do arcebispo da Bahia” – como fonte para o estudo do processo de formação dos espaços urbanos em torno das igrejas e da morfologia das cidades coloniais.
- ⁸ MARX. Arraiais mineiros, p. 389-393.
- ⁹ Diário da jornada que fez o ouvidor Caetano da Costa Matoso para as Minas Gerais (CÓDICE Costa Matoso, p. 891).
- ¹⁰ Diário da jornada que fez o ouvidor Caetano da Costa Matoso para as Minas Gerais. (CÓDICE Costa Matoso, p. 893).
- ¹¹ Trata-se, provavelmente, do lugar hoje chamado Paula Lima, anteriormente “Chapéu d’Uvas”, no município de Juiz de Fora. Embora o ouvidor afirme que a capela funcionasse como matriz em 1749, a “freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, no lugar do Chapéu d’Uvas” só foi oficialmente instituída pelo bispo em 1764, e declarada colativa pelo alvará régio de 1810 (TRINDADE. *Instituições de igrejas no bispado de Mariana*, p. 110).
- ¹² Diário da jornada que fez o ouvidor Caetano da Costa Matoso para as Minas Gerais (CÓDICE Costa Matoso, p. 894).
- ¹³ VISITAS pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825), p. 199.
- ¹⁴ Ver os numerosos casos estudados por: DA MATA. *Chão de Deus*.
- ¹⁵ BARBOSA. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*, p. 356-357.